CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
6 de Julho de 2023
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
- Filmes dos Primeiros Alunos

CONVERSA ACABADA / 1981

Um filme de João Botelho

Argumento: João Botelho / *Diálogos:* Helena Domingos / *Diretor de fotografia (35 mm, cor)*: Acácio de Almeida / *Cenários*: Ana Jotta / *Conselheiro para a iluminação frontal:* Claude Porchet / *Música*: Jorge Arriagada / *Montagem*: Manuela Viegas / *Som*: Joaquim Pinto, Vasco Pimentel / *Interpretação*: Fernando Cabral Martins *(Fernando Pessoa)*, André Gomes *(Mário de Sá Carneiro e Lúcio em "A Confissão de Lúcio")*, Jorge Silva Melo *(o apresentador e o leitor de "Fausto")*, Juliet Berto *(Hélèna)*, Luís Pacheco *(Pessoa no leito de morte)*, Manoel de Oliveira *(o padre na cena da morte de Pessoa)*; "Marinheiro": Glicínia Quartim, Isabel de Castro, Zita Duarte *(as três veladoras)*; "A Confissão de Lúcio": João Perry *(Ricardo)*, Leonor Pinhão *(Marta)*, Isabel Ruth *(a americana louca)*; Helena Almeida *(a cantora no cabaret)*, António Wagner *(o apresentador no cabaret)*, Nuno Vieira de Almeida *(o pianista no cabaret)*, as vozes de Helena Domingues, Susana Reis, Joaquim Furtado, Maria Reis, Osório Mateus *(leitores dos poemas)*.
Produção: V.O. Filmes, RTP, com a participação do Instituto Português de Cinema e da Fundação Calouste Gulbenkian / *Cópia*: da Cinemateca Portuguesa, 35 mm / *Duração*: 104 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes, Maio de 1981 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema São Jorge), 13 de Maio de 1982 / *Primeira apresentação na Cinemateca*: 28 de Maio de 1990, no âmbito do ciclo "Isabel de Castro e o Cinema Português".

****

Conversa Acabada marca a estreia de João Botelho no cinema, se excetuarmos a curta-metragem **Alexandre e Rosa**, co-realizada com Jorge Alves da Silva, que Botelho considera *"um pequeno filme, decididamente falhado"*. O filme que vamos ver é um dos primeiros exemplos daquele corpo de obras feitas no impulso do que poderíamos designar como *o fenómeno Oliveira*, que despoletou um *fenómeno do cinema português*, a partir de **Amor de Perdição** e do (re)começo da carreira de Oliveira em 1978: o cinema feito a partir de então por cineastas tão diferentes e de gerações diversas como Botelho, João César Monteiro, João Mário Grilo, José Álvaro de Morais e Pedro Costa, o mais ambicioso cinema feito em Portugal, conjuntamente com as obras do Cinema Novo, que teve eco duradouro junto à crítica e aos espectadores internacionais "de ponta", sobretudo a crítica francesa e italiana. Cinema anti-espetáculo, formalista e ascético, que tem como pontos de referência (como exemplos, não como modelos) realizadores como Straub-Huillet, Godard, Bresson e, por surpreendente que pareça a alguns, Ozu. Numa entrevista de 1996, inserida no catálogo de uma retrospectiva que lhe foi consagrada em Bergamo, quando lhe perguntam quais eram as características comuns aos cineastas portugueses, Botelho responde: *"A presença da literatura e sobretudo da poesia nos filmes, a escolha de enquadramentos secos, com uma composição muito cuidada, uma montagem descarnada. E a falta de dinheiro, que nos leva a fazer coisas estranhas…"*.

A consciência do que é a linguagem cinematográfica (o que é um som, uma imagem, um corte), vinda dos mestres acima citados, resulta, no caso de Botelho, num cinema rigoroso, mas não de um rigor exterior, de pose. Este cinema muito estruturado, propenso à clareza e não ao vago, é guiado por uma vigilância constante, que impede as derivas narcisistas que outros não conseguem evitar. O facto de Botelho nunca se ter transformado em "Botelhô", num cineasta confrontado à (irresistível?) tentação de fazer filmes para *Libération* e *Les Inrockuptibles*, também terá sido útil. Como todo filme de estreia de um cineasta digno deste

nome, **Conversa Acabada** é um gesto de afirmação. Em alguns filmes de Botelho (**Um Adeus Português**, **Tempos Difíceis**, **Aqui na Terra**), a estrutura, baseada na dualidade, é extremamente visível e deslindá-la faz parte do trabalho do espectador, o que não exclui o prazer. Talvez em nenhum dos seus filmes a estrutura seja tão clara como em **Conversa Acabada**. Trata-se essencialmente, embora não só, de um diálogo (a conversa do título) entre dois amigos distantes, que só se cruzam uma vez na tela, sobre o fundo estilizado do Terreiro do Paço. Este diálogo se faz por uma correspondência que se interrompe, uma conversa que acaba quando um dos dois escolhe o suicídio. Salvo erro, Fernando Pessoa não pronuncia uma só palavra em todo o filme, ao passo que Sá Carneiro diz algumas frases e recita um poema em presença da sua amante, que não percebe português: um escritor só existe verdadeiramente pela palavra escrita. Palavra escrita em verso (os versos dos dois poetas, lidos por quatro vozes diferentes) e em prosa, a prosa das cartas, que estabelece um fio narrativo. A ideia inicial do realizador era muito radical: *"De início, para mim, **Conversa Acabada** deveria ser um quadro negro com a voz em «off». Mas com uma hora e quarenta assim, todos os espectadores sairiam da sala. A ideia era dar a máxima importância aos textos, mas aos textos no écran negro. (…) Mas sei que se as pessoas não forem atraídas por alguma coisa, não ficam para ver o filme, neste caso para ouvi-lo"*. Um dos elementos usados para fixar a atenção do espectador e depois levá-lo por caminhos mais difíceis, foi escolher dois indivíduos que não fossem atores, mas que *"se assemelhassem aos estereótipos dos dois poetas, da ideia que podemos ter de Pessoa e Sá Carneiro"*. Outro foi guiar o espectador através de informações, que podemos considerar didáticas e são contextualizadas pelas cartas, traçam um semblante de biografia, de "história". Mas ao invés de começar por facilitar o trabalho do espectador, Botelho decidiu começar por uma passagem mais árdua: um plano fixo de cerca de três minutos, em que o narrador lê um trecho da versão de Pessoa do *Fausto*: *"Pareceu-me que se o espectador conseguisse manter os ouvidos abertos para ouvir este plano, o texto deste plano, o resto do filme o recompensaria; poderia começar a entrar em certas emoções que a relação entre os textos de todos os planos poderia dar-lhe"*. No filme, a proliferação da imagem é reduzida, para valorizar o som, ou melhor, a palavra, mas no interior de uma estrutura estrita (planos fixos, enquadramentos frontais), o realizador utiliza diversas estratégias visuais, que dão variedade ao filme e resultam em diversas camadas de sentido, o que alimenta a atenção do espectador. Há a projeção frontal de imagens sobre uma tela de noventa e seis metros quadrados (12x8), moderna versão das *transparências* do cinema clássico, porém com imagens fixas dos cenários e não imagens em movimento, fotografias e desenhos de grande beleza, necessários e suficientes num filme feito sobre a palavra, que não quer distrair o espectador; há cenários reais, em três dimensões, os quartos onde morrem os dois poetas, o palco do cabaret, uma rua de Lisboa, parte da fachada de monumentos parisienses, campos portugueses, num dos quais há uma panorâmica de 360 graus, em completo contraste com os planos fixos frontais das transparências. A música, de que hoje Botelho se declara pouco satisfeito, parece querer transpor o estilo da música do cinema clássico americano, à Bernard Herrman (uma das grandes admirações do compositor do filme, Jorge Arriagada, colaborador assíduo de Raul Ruiz) e funciona como outra camada de sentido, no seio deste filme tão pouco efusivo sobre a palavra sábia, a palavra escrita, a palavra em que nada se perde (por isso esta conversa é *acabada*, nos dois sentidos da palavra: *terminada* e *perfeita*). Também neste filme nada se perde: cinema sobre a poesia e cinema de poesia, que reduz a linguagem, para melhor valorizá-la. Vinte e oito anos depois, ao voltar a Fernando Pessoa em **Filme do Desassossego**, Botelho agiria de maneira totalmente diversa e multiplicaria os cenários, transformando, de maneira elaborada, reconhecíveis cenários naturais em Lisboa em espaços puramente cinematográficos, por vezes espetaculares. Hoje, com a massificação do nome de Fernando Pessoa (já houve até máquinas distribuidoras de tabaco em que estão estampadas a sua cara e um trecho de *A Tabacaria*), **Conversa Acabada** adquiriu mais uma camada de sentido.

Antonio Rodrigues